

Ana Maria Araújo Reire

Doutora *Honoris Causa*



A NOSSA UNIVERSIDADE

ADMINISTRAÇÃO SUPERIOR

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE

Reitor

CAMILA CELESTE B. FERREIRA ÍTAVO

Vice-Reitora

ANA RITA BARBIERI FILGUEIRAS

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis

AUGUSTO CESAR PORTELLA MALHEIROS

Pró-Reitor de Administração e de Infraestrutura

CARMEM BORGES ORTEGA

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas

DULCE MARIA TRISTÃO

Pró-Reitora de Planejamento, Orçamento e Finanças

MARCELO FERNANDES PEREIRA

Pró-Reitor de Extensão, Cultura e Esporte

NALVO FRANCO DE ALMEIDA JUNIOR

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

RUY ALBERTO CAETANO CORRÊA FILHO

Pró-Reitor de Graduação

AGUINALDO SILVA

Diretor do Câmpus do Pantanal

ANDRÉIA CRISTINA RIBEIRO

Diretora do Câmpus de Paranaíba

AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL

Diretor do Câmpus de Aquidauana

CLÁUDIA CARREIRA DA ROSA

Diretora do Câmpus de Ponta Porã

DANIEL HENRIQUE LOPES

Diretor do Câmpus de Naviraí

ELIENE DIAS DE OLIVEIRA

Diretora do Câmpus de Coxim

KLEBER AUGUSTO GASTALDI

Diretor do Câmpus de Chapadão do Sul

OSMAR JESUS MACEDOW

Diretor do Câmpus de Três Lagoas

SOLANGE FACHIN

Diretora do Câmpus de Nova Andradina

FABRICIO DE OLIVEIRA FRAZILIO

Diretor da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia

HENRIQUE MONGELLI

Diretor da Faculdade de Computação

MARIA LÍGIA RODRIGUES MACEDO

Diretora da Faculdade de Ciências Farmacêuticas

ORDÁLIA ALVES DE ALMEIDA

Diretora da Faculdade de Educação

PAULO ZÁRATE PEREIRA

Diretor da Faculdade de Odontologia

ROBERT SCHIAVETO DE SOUZA

Diretor da Faculdade de Engenharias, Arquitetura e Urbanismo e Geografia

VERA LÚCIA PENZO

Diretora da Faculdade de Artes Letras e Comunicação

VIVINA DIAS SOL QUEIROZ

Diretora da Faculdade de Ciências Humanas

WILSON AYACH

Diretor da Faculdade de Medicina

YNES DA SILVA FÉLIX

Diretora da Faculdade de Direito

ALBERT SCHIAVETO DE SOUZA

Diretor do Instituto de Biociências

DOROTÉIA DE FÁTIMA BOZANO

Diretora do Instituto de Física

LINCOLN CARLOS SILVA DE OLIVEIRA

Diretor do Instituto de Química

LUCIANA CONTRERA

Diretora do Instituto Integrado de Saúde

PATRÍCIA SANDALO PEREIRA

Diretora do Instituto de Matemática

JOSÉ CARLOS DE JESUS LOPES

Diretor da Escola de Administração e Negócios

Ana Maria
Araújo Preire
Doutora Honoris Causa



MEMBROS DO CONSELHO UNIVERSITÁRIO

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE
CAMILA CELESTE B. FERREIRA ÍTAVO
ANA RITA BARBIERI FILGUEIRAS
AUGUSTO CÉSAR PORTELLA MALHEIROS
CARMEM BORGES ORTEGA
DULCE MARIA TRISTÃO
MARCELO FERNANDES PEREIRA
NALVO FRANCO DE ALMEIDA JUNIOR
RUY ALBERTO CAETANO CORRÊA FILHO
AGUINALDO SILVA
ALBERT SCHIAVETO DE SOUZA
ANDRÉIA CRISTINA RIBEIRO
AURI CLAUDIONEI MATOS FRÜBEL
CLÁUDIA CARREIRA DA ROSA
DANIEL HENRIQUE LOPES
DOROTÉIA DE FÁTIMA BOZANO
ELIENE DIAS DE OLIVEIRA
FABRICIO DE OLIVEIRA FRAZILIO
HENRIQUE MONGELLI
JOSÉ CARLOS DE JESUS LOPES
KLEBER AUGUSTO GASTALDI
LINCOLN CARLOS SILVA DE OLIVEIRA
LUCIANA CONTRERA
MARIA LÍGIA RODRIGUES MACEDO
ORDÁLIA ALVES DE ALMEIDA
OSMAR JESUS MACEDO
PATRÍCIA SANDALO PEREIRA
PAULO ZÁRATE PEREIRA
ROBERT SCHIAVETO DE SOUZA
SOLANGE FACHIN
VERA LÚCIA PENZO
VIVINA DIAS SOL QUEIROZ
WILSON AYACH
YNES DA SILVA FÉLIX

REPRESENTANTES DOCENTES

ANDRÉ LUIS SOARES DA FONSECA
CARLOS ALBERTO DO NASCIMENTO RAMOS
CLEBER AFFONSO ANGELUCI
DIONÍSIO MACHADO LEITE FILHO
ELAINE MIGUEL DELVIVO FARÃO
EVERTON DA SILVA NEIRO
FÁBIO DA SILVA SOUSA
FERNANDO RODRIGO FARIA
FLÁVIA ZECHINELI F. BASTOS
FLÁVIO ARISTONE
GLEISON ANTÔNIO CASAGRANDE
HÉLIO ROBERTO BRAUNSTEIN
IANDARA SCHETTERT SILVA
JEFERSON ADÃO DE A. MATOS
JORGE DE SOUZA PINTO
JOSE ANTONIO BRAGA NETO
JOSE CARLOS DA SILVA
KLINGER TEODORO CIRÍACO
LIANA DESSANDRE D. GARANHANI
LUCIANI COIMBRA DE CARVALHO
MARIA ELIZABETH ARAUJO AJALLA
MARIA HELENA DA SILVA ANDRADE
MARIUZA APARECIDA C. GUIMARÃES
PATRICIA GRACIELA DA ROCHA
PRISCILA VARGES DA SILVA

REPRESENTANTES DE ASSOCIAÇÕES

ERON BRUM
LUCAS GABRIEL RIBEIRO MARTINS
MARCO AURÉLIO STEFANES
MARIA LUIZA TEGON
PAULO CESAR DUARTE PAES

REPRESENTANTE GOVERNO FEDERAL/MEC

DANIELA CRISTIANE OTA

REPRESENTANTES DA COMUNIDADE

CLEONI BORTOLLI
MARIANA ADALGIZA GILBERTI URT
MARCOS SILVA

REPRESENTANTES DISCENTES

ARI ROGÉRIO FERRA JÚNIOR
LUCAS GABRIEL RIBEIRO MARTINS

APRESENTAÇÃO

OUTORGAR O TÍTULO de Doutor Honoris Causa constitui a máxima distinção concedida pela Universidade a personalidades que se tenham distinguido pelo saber e pela atuação em prol das artes, das ciências, da filosofia, das letras e do melhor entendimento entre os povos. Na UFMS, o título é outorgado mediante proposta de um ou mais membros do Conselho Universitário.

Esta publicação tem o objetivo de registrar a entrega do título de Doutora Honoris Causa à Educadora ANA MARIA ARAÚJO FREIRE, pela UFMS, pelo conjunto de sua obra e pela relevância de sua atuação na Educação, Ciência e Tecnologia, além de difundir o pensamento do seu falecido esposo, Paulo Reglus Neves Freire, contribuindo para uma educação transformadora.

A concessão deste título foi aprovada por unanimidade pelo Conselho Universitário em, 15 de dezembro de 2017, a partir de proposição do Curso do Curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas.

*“Educação não transforma o mundo.
Educação muda as pessoas.
Pessoas mudam o mundo.” (Paulo Freire)*

Campo Grande, 17 de maio de 2018.

DOCUMENTO DE CONCESSÃO DO TÍTULO



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



RESOLUÇÃO Nº 104, DE 15 DE DEZEMBRO DE 2017.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no uso de suas atribuições legais, e considerando o contido no Processo nº 23448.001502/2017-51, resolve:

Conceder o título de Doutora **Honoris Causa** à Educadora **Ana Maria Araújo Freire**, pelo conjunto de sua obra e relevância dos serviços prestados como divulgadora do pensamento do Professor Paulo Régis Neves Freire.

MARCELO AUGUSTO SANTOS TURINE,
Presidente.



A ORIGEM DA INDICAÇÃO

NÓS, PROFESSORES DO CURSO de Pedagogia, nos sentimos honrados por concretizar um projeto que teve início há 20 anos, época em que um professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Prof. Dr. Eurico Jesus Miranda, já falecido, deu início aos trâmites para a outorga do título de Doutor *Honoris Causa* ao educador Paulo Freire. Àquela época, Freire já era reconhecido no Brasil e no exterior por seus trabalhos em defesa de uma educação pública e de qualidade para todos, fazendo jus, portanto, à honraria; porém a morte do homenageado, em maio de 1997, fez adormecer o sonho.

No ano de 2015, num grupo de estudos coordenado pela Profª. Drª. Maria Lucia Marcondes Vasconcellos, envolvendo pesquisadores freireanos, dentre eles uma docente da UFMS/CPTL, e contando com a participação da Professora Nita, viúva de Paulo Freire, a história da premiação foi revivida – e o sonho adormecido começou a despertar.

Era necessário e urgente fazer algo... Então, como uma forma de reconhecimento, a UFMS aprova, respeitados os trâmites, a titulação para a viúva e herdeira intelectual de Freire. Sim, para Nita Freire!

Convém destacar aqui alguns dos pontos que a fizeram merecedora da titulação. Nita já defendia um ideal de educação libertadora, democrática e humanizadora e, com a morte do esposo, continua, incansavelmente, a problematizar os problemas sociais e educacionais no viés freireano. Nita foi instituída por Freire como sua herdeira intelectual e, nessa condição, organizou obras, publicou escritos inéditos em forma de livros, artigos ou capítulos de livros. E mais: Quem não mede esforços para manter atual o pensamento freireano, de tal forma que esse reconhecimento se materialize em inúmeros prêmios e títulos recebidos em terras brasileiras e muito além delas? Ana Maria de Araújo Freire! A viúva, a professora, que, movida pela curiosidade epistemológica, nos contagia e nos fortalece em nossas aventuras cognitivas.

Em meio a tantos reveses e empecilhos, ela nos encoraja a caminhar: embora o caminho seja árduo; embora o cenário político desencante; embora a discriminação racial, de gênero, religiosa e outras se façam presentes; embora haja intolerância com o diferente; embora as políticas públicas possam materializar-se de uma forma segregadora, avessa a tudo aquilo em que acreditamos, é preciso ter coragem e alimentar uma esperança que nos move rumo à mudança. E sua voz vem orquestrar o coro regido pelo maestro Paulo Freire: “Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para transformá-las” (Paulo Freire em *Pedagogia da Autonomia*).

A outorga do título é o registro emocionado de uma história que ficará para sempre no curso de Pedagogia, no campus de Três Lagoas e na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Professores do Curso de Pedagogia
Câmpus de Três Lagoas/UFMS

DISCURSO DO DIRETOR DO CÂMPUS DE TRÊS LAGOAS

NO DIA CINCO DE OUTUBRO de 2017, a Direção do CPTL recebeu a Comunicação Interna de número 13/2017 da Coordenação de Curso do Curso de Pedagogia, assinada pela então Coordenadora do Curso Profª Drª Ione da Silva Cunha Nogueira comunicando a respeito da decisão tomada pelo Colegiado do Curso de Pedagogia em sugerir à UFMS a entrega do título Doutora *Honoris Causa* à Profª Drª Ana Maria Araújo Freire. Nessa comunicação a Coordenadora faz um breve relato dos motivos para tal concessão e no processo foi apresentado o Memorial e o Currículo da Profª Drª Ana Maria Araújo Freire.

No dia seis de outubro de 2017, o Conselho de Câmpus analisou a documenta e decidiu propor a concessão do título de Doutora *Honoris Causa* para a Profª. Drª. Ana Maria Araújo Freire.

O processo foi analisado pelo Conselho Universitário da UFMS, na sua 133ª Reunião Ordinária, realizada em, dezenove de outubro de 2017, ocasião em que foi aprovada a constituição de uma comissão de Títulos Honoríficos composta pelos Conselheiros: Ruy Alberto Caetano Correa Filho (Presidente), Ordália Alves de Almeida, Vivina Dias Sol Queiroz, Hélio Roberto Braunstein e Mariuza Aparecida Camillo Guimarães, para análise da solicitação de concessão de Título de Doutora *Honoris Causa* à Educadora Ana Maria Araújo Freire, conforme consta na Resolução nº 81, de 19 de outubro de 2017, do COUN/UFMS.

No dia quinze de dezembro, o presidente da comissão de Títulos Honoríficos, Prof. Dr. Ruy Alberto Caetano Correa Filho, apresentou ao Conselho Universitário da UFMS o parecer favorável à concessão do Título de Doutora *Honoris Causa* à Educadora Ana Maria Araújo Freire e o Conselho, naquela oportunidade, aprovou a concessão do título pelo conjunto de sua obra e relevância dos serviços prestados como divulgadora do pensamento do Professor Paulo Régis Neves Freire carinhosamente conhecido como Paulo Freire.

Aqui estamos, Profª Ana Maria, num dia festivo, a Assembleia Universitária da UFMS reunida para a entrega deste Título a você pelo precioso trabalho apresentado à comunidade científica do Brasil e do mundo, divulgando e reapresentando o pensamento de Paulo Freire que foi um dos mais importantes influenciadores nos pesquisadores pensantes da pedagogia atual.

Receba este título como reconhecimento de seu trabalho e agradecimento que a comunidade UFMS faz à obra deixada pelo nosso querido Paulo Freire.

Muito Obrigado!

Osmar Jesus Macedo
Diretor do CPTL/UFMS
17/05/2018

DISCURSO DO REITOR

TENHO A HONRA DE presidir a cerimônia que celebra o reconhecimento à Educadora *Ana Maria Araújo Freire*. O Conselho Universitário da UFMS aprovou, por unanimidade, a proposta do Colegiado do Curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas para a outorga do título de Doutora *Honoris Causa* a essa Educadora, reconhecida pela sua relevante contribuição à educação brasileira, em continuidade às obras de Paulo Freire.

Ana Maria Araújo Freire é sucessora das obras de Paulo Freire, a quem esta Universidade, em 26 de junho de 1997, na Reunião do Conselho Universitário, registrou a intenção de conceder o título de Doutor *Honoris Causa*, que foi interrompido por ocorrência de seu falecimento, em 2 de maio do mesmo ano.

A UFMS torna-se muito mais enriquecida com a sua acolhida, que enobrece a todos nós. A concessão deste título, mais do que reconhecimento de todo o mérito, constitui-se, também, na valorização dos grandes educadores do nosso país. A sua aceitação é, para nós, um gesto de grandeza, da profissional, da Educadora, da cidadã, cuja vida é pautada pela doação à educação como instrumento libertador.

Ao agregar-se aos nossos quadros, como Doutora *Honoris Causa*, Ana Maria transfere seu brilho para nossa casa, enriquece um patrimônio intelectual, na UFMS e no Estado de Mato Grosso do Sul, contribuindo na transformação da nossa realidade por meio da Educação.

Reveste-se de grande honra para nossa Comunidade Universitária, neste momento, podermos agraciar, com o título máximo da Instituição, essa personalidade transformadora, como Educadora, que nos traz sabedoria, deixando clara que a missão do Professor é possibilitar a criação e a produção de conhecimentos. Professora de meio mundo, Educadora de todos nós.

Acredito que nossos sonhos são a força espiritual que deve nos mover e nos unir aos nobres objetivos da sublime missão da nossa Universidade: desenvolver, difundir e socializar o conhecimento por meio do ensino, da pesquisa, da extensão e da prestação de serviços e promover a formação integral e permanente dos cidadãos, preparando-os para que possam intervir e atuar com dinamismo no processo de desenvolvimento local, regional, nacional e internacional, tendo a educação ao alcance de todos, visando uma transformação libertadora do indivíduo, para que possa conquistar, através dela, melhores condições de vida.

Nosso caminho deverá ser capaz de contribuir para que a UFMS se abra para a sociedade e, de maneira especial aos estudantes, cabendo a ela criar um ambiente motivador, inovador, empreendedor e com responsabilidade social, formando profissionais cidadãos prontos para auxiliar na resolução dos problemas de nossa sociedade. E para lembrar nosso mestre, Paulo Freire, “Ensinar não é transmitir conhecimento e sim criar possibilidades de apreensão”.

Agradecemos a nossa Educadora a partilha do seu saber. Seja muito bem-vinda à galeria dos ilustres Doutores *Honoris Causa* da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que é também, a partir desta data, a sua, a nossa Universidade.

Marcelo Augusto Santos Turine
Reitor da UFMS

DISCURSO DA HOMENAGEADA

A PAULO, meu marido, homem-que-fez de seu corpo o pensar e o amar e que me deu o melhor de si, que acolhi com intensa cumplicidade para nossa vida-plena de todas as coisas e de todas as horas, até quando apartado-de-mim se foi pela ruptura definitiva e cruel.

NÃO SEI COMO COMEÇAR um discurso numa solenidade como esta, pois é a primeira vez que recebo homenagem de tamanha magnitude. Certamente tenho que agradecer e cumprimentar as autoridades presentes: o Reitor, Prof. Dr. Marcelo Augusto Santos Turine; o Diretor do Câmpus de Três Lagoas, o Prof. Dr. Osmar Jesus Macedo; o Coordenador do Curso de Pedagogia, Prof. Dr. Paulo Fioravante Giareta; a Profa. Dra. Silvana Alves da Silva Bispo e a Coordenadora do grupo de Pesquisa e Estudo “Discurso Pedagógico de Paulo Freire”, Profa Dra. Maria Lúcia Marcondes Vasconcelos (Mackenzie), as duas mentoras desta homenagem que me fez ficar exultante de alegria, com o endosso imediato dos membros do Conselho Universitário desta Instituição, os quais, de modo especial, saúdo; aos meus parentes; e os professores/as, alunos/as da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Ao receber a notícia, pela Profa. Silvana, de que a UFMS me daria o título de Doutora *Honoris Causa* fiquei surpreendida, mas profundamente tocada pela alegria. Depois a Profa. Maria Lúcia me telefonou e disse-lhe dos meus sentires. Ela me contestou dizendo-me que era justa a homenagem. A bem da verdade elas “tramaram” o prêmio como aluna e professora da Universidade Mackenzie, quando numa tarde na qual fui fazer uma palestra comentei com as duas que Paulo fora contemplado com o título, mas tendo morrido antes de recebê-lo, ficou impedido pelas normas internas da UFMS, infelizmente.

Pensei muito se eu mereceria este título, ou não, e me dei algumas respostas. A que me deu razões de Verdade é: se foram os professores e professoras destas terras molhadas de águas, de bichos e de mitos, que explicam através do pensamento crítico, da ciência o que significam estas categorias para a vida ecológica, política e social da região, que tiveram esta iniciativa, não a posso menosprezar. Dizer que não sou merecedora desta homenagem tão séria, e alegremente organizada, cometeria dois “pecados”: a falsa modéstia e, julgando os membros do Colegiado desta Universidade como incapazes de um veredito justo.

Ao analisar o motivo pelo qual a UFMS me trás para o seu bojo – a de que fui a pessoa capaz de incentivar Paulo Freire, para mim simples e amorosamente Paulo a retornar à sua tarefa política e pedagógica de escrever livros e aceitar convites, e de que depois de sua Partida venho prosseguindo a obra dele publicando novos livros com textos inéditos e aceitando convites de várias partes do mundo para proferir conferências sobre ele e sua obra – tenho a certeza de que os senhores e senhoras estão certos, têm razão nesta concessão honorífica. Assim, recebo o título maior que uma universidade concede a uma acadêmica, em paz, feliz e consciente da responsabilidade que isso implica de hoje em diante, na minha vida. Ainda mais porque soube que sou não somente a primeira mulher a receber este título de DHC, mas também estou sendo a primeira pessoa a ser contemplada com esta honraria pela UFMS, no Câmpus de Três Lagoas.

Ao retornar definitivamente para o Brasil Paulo, como quase todos os exilados do Golpe de 1964, teve momentos de dificuldades. Não foi fácil para ele entrar novamente na comunidade acadêmica brasileira,

que tinha se fechado a reconhecer a contribuição afetiva e, sobretudo, a intelectual dele, pois no exterior tinha tido experiências muito importantes. Em culturas diferentes da nossa, Paulo aprendeu tanto quanto ensinou. Ativou sua capacidade de inteligir e criar conceitos novos, categorias novas, entendimentos da realidade novos. Leituras de mundo novas. Os que aqui ficaram nunca entenderam muito bem o que era o sofrimento do exilado, os momentos de profunda tristeza por não puder sequer vir ao Brasil para visitar uma mãe que estivesse doente e velhinha, como foi o caso de Paulo. Acrescente-se que naquela época do retorno ao seu *contexto de origem*, Paulo precisou enfrentar problemas de doença grave em sua família.

Por esses motivos, Paulo deixou de produzir livros novos escritos, como digo simbolicamente, à sombra da mangueira, isto é, em seu escritório no ambiente que o estimulava às reflexões mais profundas. Fez alguns “livros falados” nos quais um outro intelectual o instigava a pensar. O último livro escrito, por Paulo, sozinho, “na sombra generosa da mangueira”, foi *A importância do ato de ler*, em 1982, e somente depois de dez anos é que veio *Cartas a Cristina*, em 1992. Nos casamos em 1988, ele foi ser Secretário de Educação do Município de São Paulo, e somente quando deixou essa tarefa de educador-político, em 1991, é que partiu para a aventura ética e política de escrever as suas ideias provocadas por seu novo estado de espírito e a minha presença benfeiz, “na sombra generosa da mangueira”. Dizia na ocasião: “Quando me enamorei de Nita me re-enamorei do mundo, agora tenho ânimo para escrever.”

Quero também, nesta ocasião, mencionar que durante a CONFINTEA, realizada em Belém, no Pará, recebi este mesmo reconhecimento de minha importância na continuidade da obra de Paulo, com uma Medalha Comemorativa dos sessenta anos da Unesco e com uma Estátua, obra de Francisco Brennand, do Ministério da Educação do Brasil, nomeada “A chave da sabedoria”.

Assim, foi que depois de praticamente dezenas de anos vivendo e trabalhando no *contexto de empréstimo*, como ele mesmo gostava de dizer, houve um primeiro momento de euforia e de matar saudades desde as coisas mais simples – sentir o cheiro da terra molhada pela chuva – até voltar a saber que mudanças tinham ocorrido nos seus anos de “peregrino do óbvio” ensinando e aprendendo mundo afora.

Paulo começou a perceber um Brasil diferente do que tinha deixado, em 1964. Ele dizia que constatou progressos enormes e retrocessos acabrunhantes. Os serviços melhoraram com novas tecnologias. Os adultos e os adolescentes tinham facilidade em falar publicamente tanto sobre questões filosóficas quanto dos problemas da sexualidade. Considerava-se comum, que grupos de rapazes e moças viajassem pelo Brasil ou mesmo pelo exterior, sem constrangimentos e sem promiscuidade, num clima de liberdade verdadeira. Por outro lado, Paulo constatou que muitos universitários liam textos e não compreendiam, que tinham caçoetes quando falavam, que voltaram ou continuaram a pensar que o conhecimento se adquire na repetição mecânica dos fatos e das palavras, assustaram o meu marido. Não conseguia entender que esses mesmos pequenos adultos ou adolescentes tinham um bom conhecimento e manejo das tecnologias, mas uma dificuldade terrível de expressar as suas ideias e emoções. Liam sem entonação e sem pontuação. Escreviam muito mal e tinham uma péssima caligrafia.

O sonho maior de Paulo foi a reinvenção das sociedades no sentido de que prevalecessem nelas a justiça e a igualdade social, para tornarem-se sociedades verdadeiramente democráticas. Isto é, construirmos um mundo mais ético, mais humano. Paulo, com seu *corpo consciente*, dizia para si e através de seus textos magnificamente compostos, numa linguagem poética e científica, ao mesmo tempo, que tinha um sonho possível, o de humanizando-nos, em comunhão, homens e mulheres

libertarmo-nos das amarras das injustiças que vêm nos fazendo Seres Menos. Tinha o sonho possível, o de sermos todos e todas Seres Mais em processo permanente de libertação.

Tenho a certeza de que Paulo, se vivo fosse, com seus 97 anos de idade, continuaria a ser o sábio que foi pelos anos que viveu produzindo e criando conhecimento, interpretando o mundo, lendo criticamente o mundo. Lamentando tantos erros e desatinos dos políticos, dos mandatários deste nosso país. Embelezando o mundo com sua ética profundamente radical. Sua coerência, sua sabedoria, sua generosidade e sua comunicação estariam explícitas, a serviço de todos nós para apreendermos as coisas, os fenômenos sociais e a natureza.

A presença de Paulo foi tensamente viva e fascinante, inteligentemente marcante e emocionalmente indelével. Pedagogizava a quem lia um livro seu ou o via falar numa conferência.

Seus sonhos, que têm a sua razão de ser na ousadia democrática, na avidez de justiça que pautou toda a sua vida como o educador ético-político tanto ou mais do que o foi da instância pedagógica e epistemológica, faz-nos ver sua faceta de gente existenciada. Sua inteligência engajada, sua preocupação radical com homens e mulheres concretas, demonstra sua coerência entre o homem e o intelectual. Não quero e não posso dicotomizar o homem que soube sonhar arriscando-se, ousadamente profetizando, quase que adivinhando, se antecipando no tempo, e que por isto permanece tão vivo hoje quanto ontem, do homem que vi viver intensamente a dramaticidade humana.

A teoria e a práxis de Paulo é atual nos dias de hoje. O Open Syllabus Explorer, um projeto da Columbia University, que reúne mais de um milhão de ementas de estudos universitários em países de língua inglesa, afirma que a *Pedagogy of the oppressed* é o 99º livro mais citado em trabalhos acadêmicos dos EUU, Inglaterra, Austrália e Nova Zelândia. Paulo é o único brasileiro entre os cem autores mais citados e mais solicitado para leitura.¹

Outra pesquisa², realizada por Elliott Green, professor associado na London School of Economics, analisou as obras mais citadas em trabalhos em língua inglesa disponíveis no Gloogler Scholar e verificou que a *Pedagogy of the oppressed* é o 3º. livro mais citado na área de Ciências Sociais.³

É essa pessoa ética em Paulo que responde pelo amor e solidariedade para com os justos, os oprimidos e excluídos, que dá o tom e a alma da sua teoria e práxis da **ética da libertação**. Por ter abominado com todas as suas forças os invejosos, os vingativos e os que se prevalecem de suas posições para prevaricar de qualquer forma e em qualquer situação; por ter tido uma compaixão enorme pelos e pelas que não sabem ser firmes em suas posições, respeitosos com as decisões alheias ou leais aos seus companheiros e companheiras, tem a sua vida como exemplo de honradez e sabedoria.

A natureza ética de Paulo responde por seu comportamento exemplar: analisava o que ouvia, lia ou via, vivendo tudo isso na sua razão, e, na instância da raiva e da indignação repudiando o feito ou o fato, para então denunciar, amorosamente, anunciando assim um novo. Por isso, não se perdia, remoendo-se em lamúrias vãs. Antes aprendia com os fatos e com os feitos, mesmo diante das tramas contra ele. Dava-se o direito de sentir profundamente as raivas, legítimas, como dizia, então elaborava o acontecido científica e politicamente nos seus dizeres pautados pela compostura ética. Essa é a dinâmica da denúncia-anúncio em Paulo. Por isso, jamais o vi lamuriando-se, mesmo quando injus-

¹Pesquisa no ano de 2016.

²Pesquisa também do ano de 2016.

³Vejam detalhes no livro de minha autoria, Paulo Freire uma história de vida, 2a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2017, p.431-434. Prêmio Jabuti, 2o. lugar, Biografia em 2007.

tiçado ou incompreendido por quem quer que fosse. Discernia e sabia lucidamente o porquê de quem queria injuriá-lo, ofendê-lo, diminuí-lo, sem jamais ter aceitado as injúrias, as ofensas e os atos de inveja independentemente de quem tenham partido. Com clareza permanecia dignamente na sua posição de humildade autêntica, eminentemente ética. Esse estado de discernimento ético de Paulo foi o que o fundamentou a criar uma epistemologia política pautada na concretude da vida, dos feitos e fatos e suas tramas⁴, substantivamente humanista. Inaugurou uma nova concepção de ética. Criou uma ética da libertação.

A leitura de mundo de Paulo sobre a ética dos seres humanos, dialeticamente relacionada com a sua compreensão de educação, ou em outras palavras, a sua epistemologia, porque antropologicamente política e socialmente histórica sustentada pela eticidade é nominada (os sujeitos oprimidos concretos/relações sociais de classes), datada e espacializada (problemas locais e específicos: anos do nacional-desenvolvimentismo, populismo, neocolonialismo, persistência do latifúndio e negação de uma reforma agrária). Aliás, por terem partido do local é que puderam se fazer verdades em qualquer parte do mundo e superar as concepções antigas. Em Paulo, a concepção de ética era uma atitude de homens e mulheres com nome, desejos, sentimentos, aspirações, conflitos, fragilidades, grandezas e necessidades no seu enfrentamento existencial.

Assim, desde o começo de sua pedagogia do oprimido Paulo esteve **com** os outros e outras e **com** o mundo. Esse "com" implica o não estar simplesmente **no mundo** alheio ao próprio destino, ao destino dos outros e outras e do planeta Terra. Podemos até considerar quem vive apenas no mundo um quase estar contra o mundo e os outros (seres humanos que se negam a viver a realidade). Limitam-se a um viver quase não humano. Identificam-se mais com os outros seres da natureza, que vivem no suporte (animais de toda sorte), do que com os seres que se existenciaram criando a cultura, produzindo coisas necessárias e belas, ou mesmo feias e desnecessárias, mudando o que lhes apetece ou necessitam, inventando um mundo novo, agora, mais rapidamente do que nunca.

Paulo compreendeu, assim, a ética como um comportamento que deve pautar as **existências, a ética universal dos seres humanos**, como dizia, como também compreendeu a possibilidade de sua distorção, atitude antagônica à aquela posição na qual defendendo-a, sempre esteve. Uma é humanista, amorosa da vida e do mundo, a de Paulo, com a qual entendo que nós que estamos aqui nos identificamos. A outra se perdendo, ao negar a autêntica ética, é desumanizante e necrófila.

As mudanças tecnológicas vêm interferindo na nossa maneira de ser, na maneira como estabelecemos as mais diversas relações com as coisas do mundo e com as pessoas; e nas condições socialmente dadas e por nós criadas, consequência das possibilidades das leituras de mundo e da maneira de agirmos e de optarmos, diferentes. Nossa maneira de entender as coisas e de exercer o trabalho, a cidadania e a ética, muda numa frequência jamais imaginada.

A cada porção de várias décadas desde a Revolução Industrial, depois mais aceleradamente, a cada década e quinquênio, e mais recentemente depois do fax (antes do skype, uma empresa transnacional demitia gerentes, ordenava projetos e diretrizes aos seus subordinados do mundo todo via palavra escrita/telefone, o fax), do skype, do computador e da Internet, temos praticamente a cada dia, uma nova tecnologia. Assim, nos denominados **tempos da globalização da economia** – que têm suporte no pensamento da pós-modernidade filosófica de práticas reacionárias, que negam as ciências modernas com suas certezas e utopias – como decorrência dessas mais profundas e rápidas mudanças tecnológicas que a História conheceu, se instaurou uma nova “ética”, a

⁴Ver Paulo Freire, *Pedagogia da esperança*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

ética do mercado. O princípio desta é o de que os valores “humanos” devem ser ditados pela necessidade do mercado e isto significa, sabemos, aos interesses dos que detêm o capital e não pelas necessidades humanas mais verdadeiras.

Assim, a ética hoje desfigurou-se como um imperativo do novo paradigma do mundo altamente tecnologizado no qual este prevalece “matando”, desumanizando as condições e as relações sociais. Essa ética, a “ética do mercado”, é a antiética. É a que responde pela concentração da renda, pelo desemprego, pela fome, pelas misérias de toda a sorte “globalizadas” pela facilidade com que se corrompe e se é corrompido e pela falta de solidariedade, de respeito pelos outros e outras. Assim, pelas disparidades cada dia maiores entre os que têm, sabem, querem, podem, desejam, aspiram e realizam suas vontades e os que nada disso podem e são, sequer sonham.

Há séculos, vínhamos ensaiando um esforço, com avanços e recuos, para uma vida social marcada pela tolerância, pela fraternidade e pela solidariedade. O neoliberalismo ao decretar o fim da história e da luta de classes levou no seu bojo de destruição as possibilidades de reinventarmos uma nova sociedade mais ética, ou melhor dizendo, realmente ética. O **sonho possível** de Paulo, como uma possibilidade histórica, foi temporariamente derrotado pelo pragmatismo cínico, egoísta, usurpador, devastador, deturpador das verdades dos que mandam, ordenam, decretam, oprimem, excluem e marginalizam o destino histórico-ontológico da humanidade, nos levando à autodestruição das relações sociais e do planeta Terra.

Enfim, Paulo e suas palavras que pronunciam o mundo têm dentro delas mesmas, pois a sua natureza ética libertadora, embutidas no mais íntimo delas, as palavras, de seu próprio cerne (de Paulo) a natureza ética mais profunda que habitou intencionalmente nele. Daí que palavra para ele é *práxis* libertadora, pois nelas, nas palavras dele, estão a dinâmica da *práxis*, a intenção da Verdade que só a *práxis* eticamente autêntica tem. Ética em Paulo é Verdade. A compreensão de educação de Paulo ou a sua epistemologia ou ainda, com outras palavras, a sua teoria do conhecimento partindo da sua eticidade mais radical, forjada nele por ele mesmo em estágio anterior aos seus estudos das teorias pedagógicas, políticas, antropológicas, filosóficas e sociológicas, precisa ser vista, sobretudo por sua coerência existencial, como uma proposta, como paradigma ético. Como um paradigma para a educação libertadora.

Por fim, Paulo me influenciou profundamente. Admiro-o pelos exemplos de como viveu, enfrentando as ciladas e circunstâncias nefastas da vida, sem ódios, rancor ou espírito de vingança. A alegria dele pela vida, seu bom humor e sua capacidade de amar foram pouco comuns. Sua teoria me seduz, pois ao mesmo tempo ela é abrangente, radical e amorosa. Sua *práxis* nos encanta e nos faz querermos tomá-la como referência de nossa prática.

Passo agora a fazer a abordagem do 2º. tema, que, acredito devo fazer: dizer um pouco aos presentes das pesquisas essencialmente minhas, que são, estudos sobre um dos mais dramáticos problemas brasileiro: a questão do seu analfabetismo.

Minha preocupação não foi estudar as técnicas e metodologias de alfabetização, ao contrário, mas sem negar a importância das técnicas e metodologias, venho me preocupando em escrever a história da produção do analfabetismo⁵, de como os homens e as mulheres das classes

⁵Ana Maria Araújo Freire: Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Gracias até os Severino. São Paulo, Cortez, Brasília, DF: INEP, 1989. Em 2ª edição de 1993, revista e ampliada em 1995, numa 3ª edição. Este livro resultou da dissertação defendida em 1988 e publicada pelo Inep como trabalho representativo do ano Nacional e Internacional da Alfabetiza-

dominantes do Brasil, produziram a sua existência, a “nossa história”, para que esse fenômeno se generalizasse. De como se deu a formação política, econômica e ideológica que possibilitou a esta camada forjando-a forjar-se enquanto classe dominante que vem detendo quase todos os bens materiais e não-materiais da sociedade brasileira.

Assim, de como e porque sobretudo **mulheres, índios e negros**, segmentos menos valorizados ou quase totalmente desvalorizados socialmente durante os nossos primeiros períodos históricos, ficaram analfabetos, alijados das decisões, interditados dos espaços privilegiados, multiplicando-se nos anos e nas décadas.

Entendo que a leitura de mundo dos jesuítas no início da nossa colonização, quando aqui estiveram em missão oficial, superestimava o **incesto, a nudez e o canibalismo** - valores de estar sendo dos e por eles denominados gentios. Introduzindo na então sociedade primitiva tribal a noção do **pecado** e introjetando a obediência, a subserviência, a submissão, a hierarquia, a imitação, o exemplo, a devoção cristã, etc. - valores dos brancos europeus – os jesuítas mencionavam, negando o corpo do gentio, negar todas as atitudes, comportamentos e valores deles, dos povos locais.

Estudioso desse período histórico brasileiro, Baeta Neves, explicita com maestria, o que ele imaginou sobre como os jesuítas pensavam ou fantasiavam acerca do comportamento naturalista dos gentios: “Se cruzarmos todos os polos das binaridades, veremos que a transgressão máxima é a seguinte cena: órgãos genitais femininos exibidos a religiosos em lugares santos em momentos sagrados.”

Essa é a origem do que venho chamando ideologia da interdição do corpo, pois uma das preocupações jesuíticas, não há como negar, foi a interdição do corpo em si. Do controle da Colônia através das proibições dos costumes próprio da cultura dos gentios.

Com o aprofundamento de minhas pesquisas, percebi que essa ideologia da dominação jesuítica usada para docilizar o índio e o colono, no início da colonização brasileira, para favorecer o enriquecimento da Coroa e da própria Companhia de Jesus, foi tão eficiente que a camada dominante brasileira tomou-a para si como um dos mecanismos capazes de reproduzir de fato, e vem fazendo isso com eficiência, secularmente, até hoje, a sociedade dos poucos que têm, são, sabem e podem contrapondo-se a dos muitos que permanecem excluídos de ser, ter, saber e poder. A estes restou a condição de analfabeto.

Entendo, pois, a ideologia da interdição do corpo como uma ideologia que querendo explicar o fenômeno da não ocupação do espaço escolar pela inferioridade intrínseca, pela incompetência de quem não os ocupa, camufla, como faz todo discurso ideológico dominante, as verdadeiras razões das interdições. Estas, as interdições e aquele, o discurso ideológico dominante, determinados segundo a teoria marxista pelo contexto político e econômico da sociedade, pelo modo como vem ela, a sociedade, produzindo a sua existência. Hoje, pós-modernamente, numa visão progressista, temos que acrescentar outros componentes ao fazer histórico: paixões, desejos, medos, interesses, enfim, os sentimentos aliados à razão e não somente esta, única maneira de rompermos com a ideologia da interdição do corpo.

Portanto, venho analisando não o corpo sujeito de si, mas, principalmente, o corpo objeto de manipulação político-ideológica que, docilizado, autoritária e discriminatoriamente, interdita a quem possui este corpo os espaços de saber, de ter, de querer, de ser e de poder.

Tratei o corpo da **mulher, do negro e do índio** como “peças” de um corpo social que vinha se gerando no colonialismo que tudo explora, deteriora e aniquila, pois nisto reside a força e a natureza mesma do próprio colonialismo.

Colônia que se fez Estado Nacional sem jamais ter deixado de ser submisso, subalterno e contraditoriamente aliado da Metrópole e das “metrópoles” que mandam e ordenam na “colônia” em benefício próprio. Modos de produção que levam no seu bojo o aniquilamento dos corpos físicos e do corpo político-social por economias que subtraem e por ideologias diversas, perversas, que no fundo têm, no meu entender, a sua matriz na interdição do corpo de homens e de mulheres, em suas diversas naturezas e práticas, desde o início de nossa história.

Modos de produção que nos fazem, ainda hoje, um país do “Terceiro Mundo,” um país em “vias de desenvolvimento” no qual tem voz e vez, unicamente, o corpo da classe que o domina. O neoliberalismo e a globalização da economia vigentes não tinham apagado estas características, antes as vinha acirrando. Hoje, numa etapa do pós-neoliberalismo estas questões se aprofundam dramaticamente.

Meus estudos me deixam comprovar que a sociedade brasileira vem sendo historicamente discriminatória, centralizadora, autoritária e elitista, enfim, interditora. E que sendo isso determinado, mas também determinante dos valores, comportamentos, normas, hierarquias, preconceitos e proibições, puderam determinar o analfabetismo brasileiro. Obviamente, não ao todo de sua sociedade – assim o analfabetismo poderia até não ser considerado problema – mas às suas camadas mais desvalorizadas socialmente.

Na verdade, estou certa de que um dos **pecados originais** do Brasil foi ter pensado e querer ter tornado realidade “instruir e catequizar o índio”. Os genuínos donos desta América portuguesa viram não só suas terras terem sido invadidas – ditas descobertas e comemoradas, até hoje, como tal, não só pelos colonizadores, mas pelas autoridades e por grande parte da própria população brasileira – mas também seus corpos interditados, domesticados e até mutilados e mortos para serem vendidos na Europa como “lembraças do Brasil”.

Foram nossos índios vilipendiados na sua cultura e interditados pela pretensa alfabetização jesuítica que tencionava, sobretudo pela catequização, impor novos valores, nova moral, nova ética, novos costumes e assim com nova leitura de mundo alienada deles, os alienando, para a submissão e a subserviência. As palavras novas e a nova religião deveriam lhes dar pudor, temor a Deus e um nome cristão. Em troca os índios estavam dando todo o seu corpo e sua alma, toda a autenticidade de sua pessoa e de sua cultura.

Entendo, assim, que alfabetizar ou ensinar a “ler e contar” são registros de uma avassaladora e cruel “guerra santa” da qual os índios deveriam ter sido poupadados. Mas o mercantilismo português e o catolicismo jesuítico não pensaram assim. E assim não foi.

Na verdade, o índio só começou a ser uma preocupação efetiva, para nós, apenas na letra da lei, só começou a ser entendido enquanto tal quando muito descaracterizado de sua cultura muito peculiar, a partir da Constituição de 1988⁶.

No século XVI, mais do que hoje, torná-los integrados – melhor seria dizer aderidos às culturas portuguesa e, depois, brasileira –, ensiná-los a “ler, escrever e contar” e ter “bons costumes”, foi mais do que uma interdição, podemos considerar que foi, e ainda hoje está sendo, o seu aniquilamento enquanto sujeitos de si e para si.

É instigante pensar o porquê da classe dominante, mesmo uma parte dela, a burguesia industrial, que seria a mais beneficiada pela

⁶Dois artigos, os de número 231 e 232, tratam no capítulo VIII “Dos Índios” (Título VIII – Da Ordem Social)

escolarização generalizada em termos de mão de obra especializada e de maior poder aquisitivo dos bens por ela produzidos, não ter tido no período (1930-1945) o papel de dinamizador nem de incentivador do Estado no sentido de melhorar a escolarização da população que se esperaria de uma burguesia moderna.

Conclui que, infelizmente, a ideologia da interdição do corpo está impregnada no corpo físico, no “corpo patronal” dessa nova burguesia, de toda a classe empresarial. A reforma trabalhista que o governo atual teimou tanto em fazer, traduz literalmente esta concepção da ideologia da interdição do corpo, pois inibe, corta e arranca qualquer benesse da classe trabalhadora. Retrocedemos aos anos antes de 1930.

Seria importante também chamar a atenção para um fato tão óbvio, mas é necessário fazê-lo, o de que a negritude é uma questão antes de raça do que de classe. Entretanto, no Brasil, devido ao longo período de escravidão e sua não tão longínqua abolição, quando os negros e as negras num certo dia de 1888 se viram jogados, empurrados nas estradas e nos morros das cidades – (as favelas cariocas são o maior exemplo, são a consequência do tipo de “libertação” dada pela Lei Áurea) –, sem instrumentos de trabalho, sem escolarização e sem profissão (poderiam montar engenhos de açúcar ou plantarem cafezais?), a negritude vem se confundindo com a questão de classe. De classe popular, baixa, subalterna ou de baixa renda, qualquer que seja o nome que a chamemos, esta classe é composta em sua maioria por negros, alguns exterminados todos os dias pelas forças policiais e milícias de traficantes nas zonas mais pobres das grandes cidades. Assim, para os brasileiros e brasileiras continuam sendo sinônimos: negro e pobre; miserável e negra.

Na sociedade aristocrática e patriarcal brasileira a mulher branca apenas ensaiou seus estudos primários praticamente após a Autonomia Política; seus estudos secundários no meio do século passado e os superiores, como medicina e obstetrícia, nos fins do século XIX, mas, com mais frequência e abrangentemente no século XX.

A mulher negra, escrava ou alforriada, negada a sua cidadania, não tinha, portanto, direito à escolarização. Mesmo com a Lei Áurea e a Primeira República institucionalmente quase nada lhe foi oferecido em termos de saber.

Com a dinamização da sociedade urbano-industrial, após 1930, e como necessidade dela, a mulher branca da diminuta classe média, e a das camadas mais abastadas, foi tendo oportunidades de escolarização cada vez mais e mais próximas das do homem branco dessas mesmas classes sociais. Essa necessidade ouviu também os gritos das lutas feministas que abriu espaços na dureza própria da ideologia da interdição do corpo. Hoje a escolarização da mulher branca ultrapassa a do homem branco, e o da mulher negra a do homem negro.

Mas a mulher negra, como seu par masculino, continuou em grande número alijada dos bancos escolares. Sobre ela recaíram três discriminações que o abrandamento da ideologia de interdição do corpo, que soprou ventos mais amenos para a mulher branca, não as contemplou na mesma medida. Elas sequer fizeram parte dos movimentos feministas que beneficiaram aquela, diante da própria segregação que a mulher branca lhe impunha. Assim, além da discriminação de sexo continuaram as mulheres negras a sofrer as de raça e as de classe.

Depois o poder da elite dominante brasileira, nacional, que, herdeira fiel dessas qualidades, vem perpetuando-as com o bastão do legítimo, do certo, do louvável, do justo e do natural. Bastão do dever sem direitos, em suma, bastão da opressão e da interdição. Bastão da proibição de ler e de escrever, o bastão que dita a sorte do analfabeto. Bastão que dita a escola elitista, autoritária e discriminatória, em seus diferentes graus e que exclui grande parte da população, não como uma categoria metafísica desvinculada então de suas reais conotações políticas, históricas, econômicas, ideológicas, culturais, religiosas e sociais.

É necessário e imprescindível acentuar que estas «qualidades» da ideologia da interdição do corpo não são «privilégio exclusivo» dos loyolas. A Coroa portuguesa não foi menos cruel. Enfatizo mais os padres da Cia. de Jesus porque eles tiveram, na realidade, mais eficiência no trabalho colonial, como aparelho ideológico de Estado, inculcando sua postura elitista «suavemente» na escola, no púlpito, no confessionário e nos «exemplos», enquanto o poder luso usava os aparelhos repressivos, quase sempre violentos, para impor sua vontade. Portanto, com a força e a violência mais perceptíveis de serem vistas e sentidas, foram mais fáceis, então, de serem entendidas e combatidas. Os jesuítas foram sutis e subrepticiamente nos impregnaram deste modo de ser, que penetrando mais fundo permanecem com marcas profundas e injustas até hoje, entre nós.

Manhã de 22 de março de 2018.

Nita - Ana Maria Araújo Freire

ANA MARIA ARAÚJO FREIRE - Nita Freire

Memorial para solenidade do Doutoramento Honoris Causa

NASCI NO RECIFE, em 13/11/1933, filha dos educadores, Genove e Aluízio Pessoa de Araújo, diretores e proprietários do Colégio Osvaldo Cruz, do Recife.



Assim, vivi desde a minha mais tenra idade no meio de educadores que tinham a grande preocupação de educar seus 9 filhos e os estudantes confiados a eles dentro dos valores morais, da fé da honestidade. Selecionavam professores/as, de reconhecido valor profissional e cívico, oferecendo ensino à sociedade nordestina, com seriedade e cuidado. O conhecimento religioso, bem como o conhecimento científico e filosófico. Tudo dentro dos dogmas, crenças e valores da Igreja Católica.



Educou-nos dentro dos princípios do respeito, da tolerância e da honestidade tendo como meta formar seus filhos para a vida na sociedade dentro dos parâmetros éticos e estéticos como se exige para formar o bom cidadão, o bom cristão.

Rememoro o Recife da Rua Dom Bosco nº 1013, sede do Colégio Osvaldo Cruz, que, se alongava para a sua frente na imensa casa de nº. 1002, onde então vivíamos os Araújo: Aluízio, Genove e seus 9 filhos. Muitos agregados e outros tantos serviscais.

Nestes espaços comecei a aprender a vida, a ter medo. Muito medo de morrer de uma hora para outra, pois estávamos na época da II Guerra Mundial. Recife era ponto estratégico entre os hemisférios Norte e Sul, serviu de aquartelamento das “tropas aliadas” sendo, portanto obrigatório o blackout, todas as noites, para nos livrarmos do inimigo impiedoso. Dos ataques que viriam por mar e pelo céu, dos alemães ou italianos, como amedrontavam as crianças alguns adultos ingênuos, porque eles mesmos, tinham certeza que a maldição não tardaria a vir.

Histórias desse tipo, na verdade, blefes porque quem afundou navios na costa nordestinas não foram os submarinos dos alemães, mas os dos norte-americanos para nos forçar a entrarmos na guerra ao lado das “forças aliadas”: EUA, França e Inglaterra.

Lembro-me das horas de horror quando foi divulgado que um menino chegou às praias alagoanas agarrado numa tábua de madeira da qual foi difícil apartá-lo. Sozinho, tinha perdido toda a sua família num navio brasileiro, de passageiros, que na costa nordestina tinha afundado.

Os folguedos infantis não esmoreciam as cenas de pavor criados em nossas mentes de que os malvados alemães poderiam nos trazer. Sempre querendo mandar ou liderar os jogos não me cansava de jogar gude, amarelinha, empinar papagaios, anel secreto, cadeira vazio, corridas e outros tantos jogos que sequer me lembro agora de seus nomes. Suávamos a rodo no calor nordestino mesmo sendo o nosso “campus” as sombras generosas das mangueiras dos quintais do COC ou do 1.002.

Aprendi a ler sozinha. A professora de alfabetização do COC, Dona Lourdes Mousinho, me viu caminhar saltitante e cantarolando (certamente alguma música que minha mãe nos proibia) nos corredores do colégio me chamou e me pôs em seu colo. Eu lhe disse, então: “Eu sei ler”. Ela riu duvidando. Respondi desafiando-a: “Me dê um cartilha ou livro e vou lhe mostrar...” Sem titubear comecei a ler, ela aturdida chamou meu pai: “Dr. Aluízio, Nita sabe ler!” Isso foi motivo de orgulho e regozijo de meus pais, que logo decidiram: se ela sabe ler vai estudar o catecismo e fazer a 1a. Comunhão durante o III Congresso Eucarístico Nacional que iria se realizar meses depois, em setembro de 1936, no Recife. Eu me lembro decorando o catecismo e do medo de no dia da cerimônia, pois sabia que nada, nem água eu poderia beber antes de receber a hóstia, agoniada com alguma gota d’água, que eu tivesse, a contra gosto, absolvido.

Essa proeza de ler muito cedo me impôs um comportamento que eu não escolheria para minha vida: a prematura noção do pecado. Como eu era chamada de “nariz arrebitado”, por minha condição de desafiante das ordens superiores, construí logo a relação autoridade – autonomia, como traço de minha identidade de adolescente. Sofri muito por essa ambiguidade: poderia ser independente ou teria que me sujeitar a todas as imposições dos mais velhos? “Dos que conhecem a vida e então se sentem na obrigação de mandar”, mas pensava “eu não sou dona de minha própria vida?”.

Rememoro o bucólico Recife dos acendedores de lampião de gás. Dos bondes abertos cruzando a cidade. Da ponte-giratória, a qual queria cruzá-la nos passeios de carro com meu pai e irmãos, mas me “arrepiava” de medo. Como lamentei que derrubaram essa ímpar construção, para deixar escoar o açúcar que vinha do interior e se destinava ao exterior. Da Praça do Derby com o belíssimo prédio da Polícia Militar ao fundo, e sua Banda deliciando adultos e crianças, com suas retretas domingueiras, tocando marchas militares, o que muito me emocionava e encantava. O peixe-boi aprisionado, coitado, num pequeno tanque, e as preguiças a passos muito lentos nos galhos das tamarineiras que ofereciam seus frutos a quem quisesse inebriar-se com seu cheiro e gosto de azedume. Uma enorme reprodução de um leão de bronze dizia a todos nós: somos o leão do nordeste. As crianças mais espertas e corajosas subiam no bicho para mostrar como eram valentes e atrevidas.

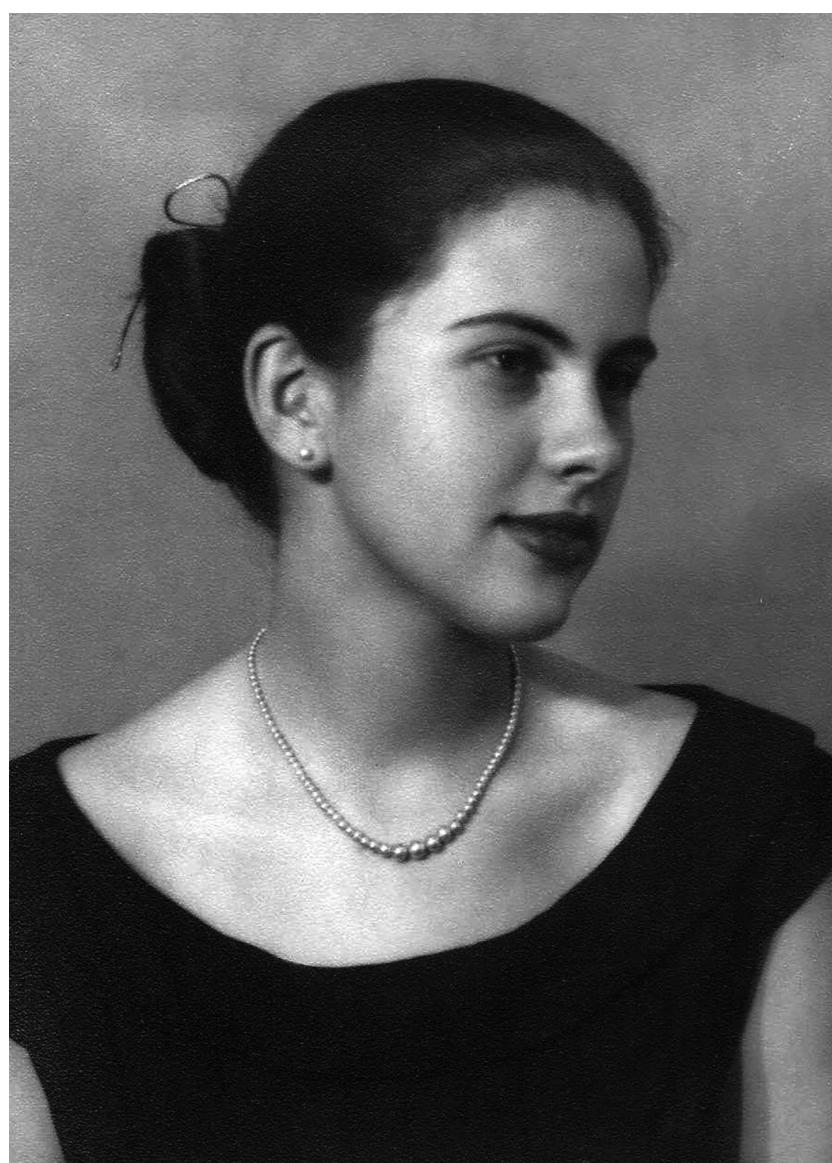
Rememoro o Recife fazendo-se moderno, das ruas alargando-se, das pontes construindo-se e das luzes noturnas esperando-se com a construção da hidroelétrica de Paulo Afonso. As autoridades da ditadura pondo abaixo igrejas seculares para medir forças com a vontade lúcida e o desejo consciente dos que amavam sua cidade.

Rememoro o Recife dos passeios de domingos com meu pai nos bondes e depois nos ‘modernos ônibus da “Autoviária” ou indo em

“carro de praça” ver a chegada dos hidroaviões da Condor descendo quase na foz do rio Capibaribe em pleno centro da cidade.

Rememoro irmos ver a chegada do Zeppelin sendo amarrado na “Torre do Zepellin” erguida no Campo do Jiquiá, um bairro da cidade. Esta torre foi a 1a estação aeronáutica para dirigíveis da América do Sul e a única no mundo que ainda hoje permanece de pé. Passageiros ricos com terno e colete de lã segurando os braços de suas mulheres glamurosamente vestidas, com chapéus e luvas, talvez até, não ouso garantir, com estolas de peles usadas nas noites resplandecentes de Paris, desciam, com charme e sofisticação, as escadas do alto da torre até o solo.

Rememoro as festas de São João e de São Pedro entre fogueiras crepitando as lenhas, com labaredas enormes. As queimas de fogos de artifício que estouravam muito metros acima de nós, ou de estrelinhas coloridas que choravam caindo suas lágrimas no chão, que meu pai comprava para se comprovar com seus filhos e filhas. Dançando “quadrilha”. Comendo canjica, pamonha e milho assado na brasa ou cozido. Já mocinha foi numa quadrilha que comecei a namorar meu primeiro marido, Raul.



Todas estas coisas me levam a lembrar de meu pai que sempre aguçou nossa curiosidade, nos conscientizando com estes passeios e comemorações cívicas ou religiosas, a cidadania e o pertencimento à nossa cultura mais genuína da brasiliade. Acentuava o nosso compromisso com uma coletividade pela qual deveríamos lutar para que tivessem os mesmos direitos que nós. Direitos e deveres, obviamente.

Rememoro o Recife das idas para tomar banho de mar em Boa Viagem em viagens de ônibus tão longas, que Sivuca tinha tempo de tocar

na sua sanfona, todo o seu repertório. Íamos eu e mais dois irmãos, de ônibus, tomar banho de mar com nossa ‘negrinha querida”, Maria, que me criou.

Rememoro o Recife das pontes e dos rios correndo livremente em seus leitos, dos seus mangues que os víamos por quase todos os lugares da cidade que olhássemos; dos sorvetes do Gemba; dos roletes de cana-caiana ou de pitombas; das pinhas e das goiabas. Da água de coco geladinha e doce. Das saladas de frutas, com dezenas delas que Rosinha, nossa lavadeira, picava bem miudinhas, para as sobremesas dos almoços de domingo dos Araújo.



Vão entrando em cena, um a um, os outros membros de minha 1a família, meus irmãos Therezinha, Miryam, Lula, Paulo, Lena, Cristina, Bel e José Antonio, e os que a eles e elas se juntaram para dividir a vida perpetuando nossa família, Amaury, Graciette e Yvonne, Raul e Paulo, Yurgen, Silvio, Solange e Fátima. Vejo meu pai sereno, profundamente humanista, simples e de alma extremamente generosa; minha mãe vigilante, dinâmica, arguta e muito inteligente, cuidava com esmero dos meus vestidos de organdi com bordados e outros enfeites... Maria, minha “mãe de criação”, minha mãe preta, como eu a chamava até meu 7 ou 8 anos de idade quando percebi que este nome deveria maltratá-la, me querendo muito, me cuidando como verdadeira filha; “seu” Cândido; Américo e Corina; Lúcia e Pedro Collier; David, primo de minha mãe e Sinhazita; Yú e Eurico; Paulo Raposo meus cúmplices nas travessuras infantis.

Lembro-me muito bem, da presença certa nas tardes de sábados, de Paulo Freire sozinho, depois com Elza. Teve sempre um sentimento de gratidão aos meus pais.

Fiz o curso primário e os primeiros anos do curso secundário no COC. Como eu era a única menina da classe, meus pais me matricularam no Colégio Vera Cruz, da Congregação das Irmãs Missionárias da Imaculada Conceição da Mãe de Deus, para que eu completasse o curso ginásial, tendo a oportunidade de conviver com meninas de minha idade. Rememoro meus dois anos de estudos na Escola de Engenharia, na Rua do Hospício. Hoje uma das faculdades que formam a Universidade Federal de Pernambuco.

Meu namoro e casamento com Raul, minha vinda para São Paulo, que obrigou-me a desistir de ser engenheira numa época que se contava com os dedos da mão as mulheres que estudavam este curso superior. Minha decisão de voltar a estudar fazendo um curso de Pedagogia nos anos férreos da Ditadura Militar quando leio Paulo pela primeira vez, em espanhol, “escutando-o” traduzir para mim em português a sua Pedagogia do oprimido.

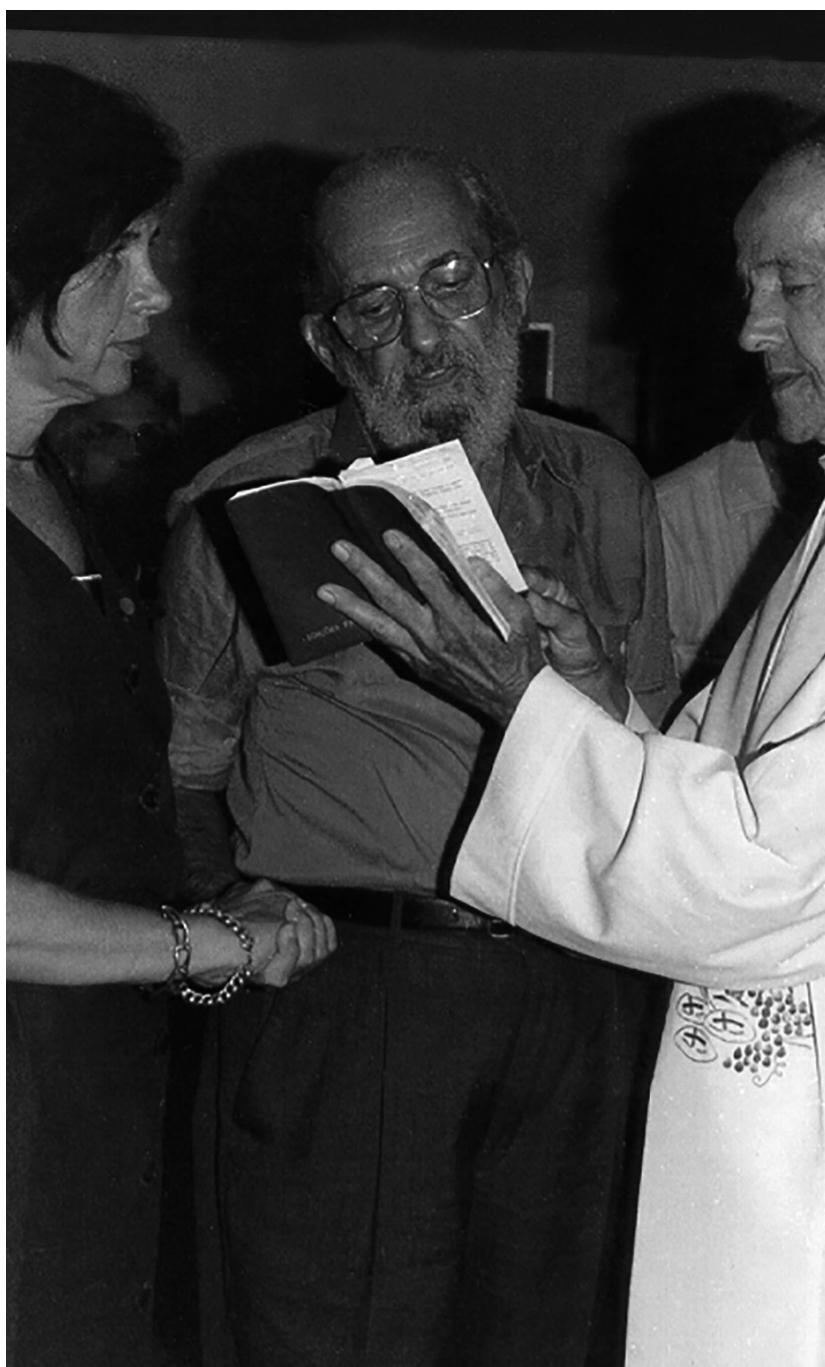


Casei-me pela primeira vez, em 1956, com Raul Carlos Willy Hasche com quem tive quatro filhos Ricardo, Eduardo, Roberto e Heliana nascedo fortes e sadios, eu e Raul criando-os para as suas próprias vidas, hoje continuadas em André, Marina e Flora.



Volto mais atrás no tempo e lembro-me de Paulo Freire por volta do ano de 1937, quando nos corredores do memorável COC de propriedade de meu pai Aluízio Pessoa de Araújo, que possibilitou-o estudar e ser de fato um Professor, então um dos sonhos maiores dele. . Conheci o jovem Paulo inteligente e estudioso, já atento ao outro, respeitoso e com extraordinário poder de fascinação. Meu casamento com ele no

Recife, em 27 de março de 1988, no auge de sua sabedoria, quando eu e ele, cheios de paixão e amor nos unimos formalmente em cerimônia religiosa, depois, no Recife, em 19 de agosto do mesmo ano, realizamos nosso casamento civil, para completarmo-nos ainda mais, um no outro.



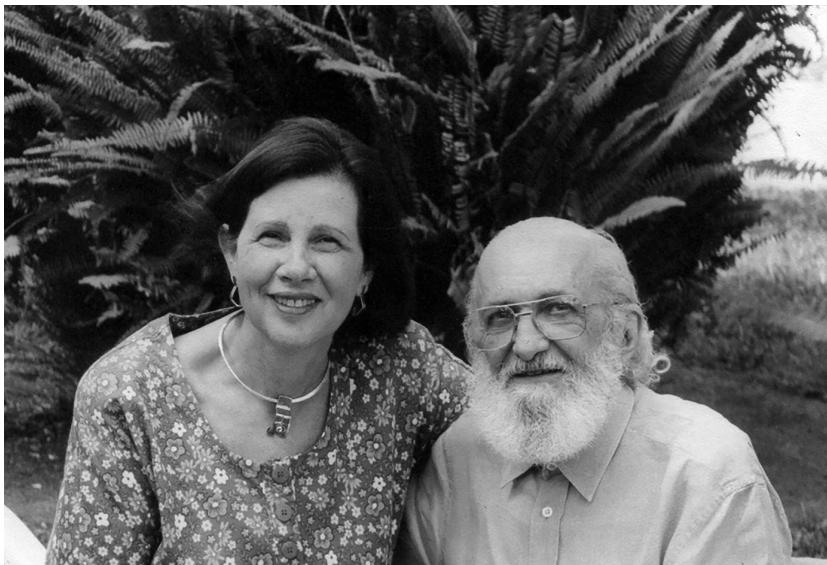
Rememoro com saudades as tantas vindas, nas últimas férias no nosso apartamento de Jaboatão, que ele comprou dizendo a todo mundo, na minha presença, que era para ir enganando-me, adocicando-me com seus projetados períodos de permanência em Jaboatão, o 1º passo para a mudança sonhada de morar no Recife. Vindas, cada vez mais alongadas preparando-nos para a volta definitiva à amada Recife, mesmo sabendo que isso não seria possível em futuro próximo devido aos trabalhos assumidos por nós dois em São Paulo. Também por um certo fechamento político ainda vigente nos anos 1980, em Pernambuco. Sonhava e me prometia uma casa grande em Casa Forte ou Poço da Panela à meu gosto e escolha de preferência uma da qual pudéssemos ver o Rio Capibaribe. Uma que tivesse frondosas mangueiras, pitangueiras e jaqueiras no seu quintal para desfrutarmos de seus cheiros e sabores e para descansarmos ou pensarmos nas suas sombras vendo e ouvindo o canto dos passarinhos que migrariam para esse ambiente próprio para eles.



Tudo isto, a minha vida, a dele, nossos personagens e vivências de uma vida, simples, amena e de comunhão intensa porque nos abrimos e nos ofertamos no amor, decisiva para o meu ser que venho sendo hoje, é que me instiga a pensar sobre o que ele pensou, sonhou e praticou. Sem este vínculo amoroso e terno que criamos deliberadamente entre nós e sem a aprendizagem que a nossa vida em comum por 10 anos me proporcionou seria difícil falar sobre ele com a responsabilidade afetiva, com o respeito de companheira e com a identificação com a sua leitura de mundo, como venho falando e escrevendo. Escrevi a biografia dele e depois publiquei Nós dois com textos dele e meus celebrando a história desse grande amor que vivemos juntos. Hoje, sinto, que é um capítulo importante desta compreensão de minha relação com ele, que estamos a festejar.



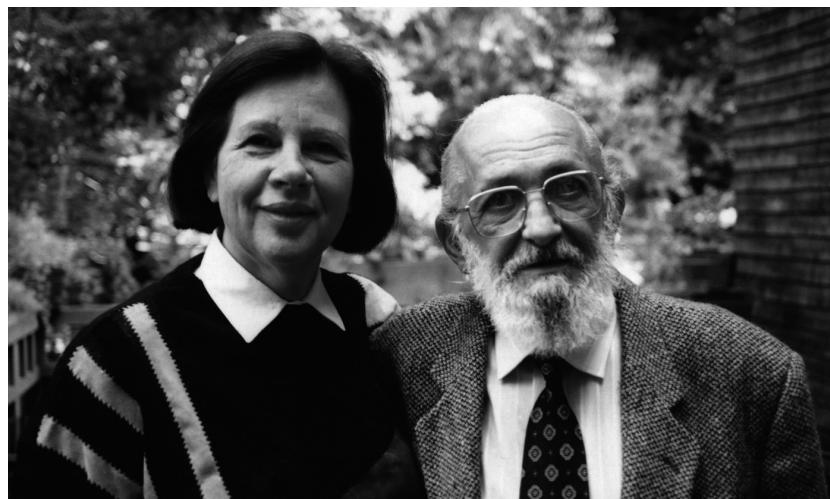
Falar sobre o Recife com pessoas que se reúnem em torno de Paulo Freire, o grande educador brasileiro, o PATRONO DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA, para mim apenas amorosa e simplesmente PAULO, meu segundo companheiro de vida e trabalho; falar sobre esta cidade onde ele e eu nascemos, crescemos e aprendemos a amá-la é de uma alegria e importância enormes. Repassei, nestes momentos, como num filme, a minha vida e a dele paralelamente vividas antes mesmo da que construímos juntos, a “nossa”, concretizada na maturidade da escolha; no amor como princípio de tudo, na intensidade do saber viver a plenitude da vida.



Minha formação acadêmica

SOU MESTRA E DOUTORA em Educação pela PUC/SP, e venho, atualmente, me dedicando mais especialmente aos estudos freireanos procurando perpetuar o verdadeiro esforço político-ético-educativo de meu marido. Desde 1997, como sucessora legal da obra de Paulo Freire, organizei e fiz publicar vários livros dele no Brasil e em traduções para as mais diversas línguas nacionais. Também venho fazendo, sempre a convite de instituições educativas, conferências em todo o mundo sobre a teoria e práxis de Paulo e sobre a história da educação brasileira, com ênfase no analfabetismo do Brasil.





Fiz minha graduação, em Pedagogia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema -São Paulo, SP. Em seguida, ingressei no curso de Pós-Graduação no Programa de Filosofia e História da Educação, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP, no qual obtive o título de Mestre em Educação, no programa de História e Filosofia da Educação, em 28.06.88. Escrevi sob a orientação de Paulo Freire, o tema Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Grárias até os Severinos .

Minha dissertação foi requisitada pelo INEP para ser publicada no Ano Internacional da Alfabetização de 1990. Foram editadas 4 edições.

Ainda na PUC/SP cursei a Pós-Graduação no Programa de Supervisão e Currículo, obtendo o grau de Doutora em Educação, em 07.10.94, com a tese intitulada. História da Educação Brasileira: uma interpretação Crítica do analfabetismo (1930-1945), tendo como orientador Alípio Casali.



Experiência docente

Colégio Oswaldo Cruz, do Recife/PE, no Curso de Admissão ao Ginásio, de 1951 a 1953.

Colégio Regina Mundi - São Paulo, SP. Professora de História e Filosofia da Educação e de Didática, para o 3º ano do 2º Grau do Curso de Magistério. Período: 01.03.1976 a 31.07.1977

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Moema - São Paulo, SP. Professora Titular de História da Educação I e II, para alunos/as do 1º

e 2º anos do Curso de Pedagogia, no período: 01.03.1977 a 28.02.1988. Instituto de Educação Costa Braga- São Paulo, SP. Professora de História da Educação e de Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação, para 2º e 3º ano do 2º Grau do Curso de Magistério, no período: 01.02.1982 a 04.08.1983.

Faculdades São Marcos - São Paulo, SP. Professora de História da Educação I e II, para os 2º e 4º Semestres do Curso de Pedagogia, no período: 08.08.1983 a 08.08.1984.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - São Paulo, SP. Professora Assistente de Metodologia Científica, no nível de 1ºs. anos dos Cursos de História, Letras, Matemática e Pedagogia, no período: 01.02.1982 a 28.02.1988.

Professora de História da Educação I, II, III e IV, para alunos/as do 3º, 4º, 5º e 6º Semestres do Curso de Pedagogia, no período: 06.10.1983 a 06.11.1985.

Professora de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus, no Plano Geral de Licenciatura, no período: 01.08.1985 a 28.02.1988.

Professora Assistente de Estrutura e Funcionamento do Ensino de 1º e 2º Graus, nos 2ºs. anos do Curso de Pedagogia, no período: 01.04.1988 a 28.02.1988.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo- Cátedra Paulo Freire. Professora convidada para o 1º Curso da Cátedra Paulo Freire, na Pós-Graduação em Educação: Currículo, no período: 10.08.1998 a 30.11.1998.

Prêmios e condecorações recebidos

últimos 15 anos

Titulo de Professora Honoraria da Universidad Nacional de Lanús, Resolución de Consejo Superior No. 154/2014, entregue em 22 de setembro de 2014, Buenos Aires, Argentina.

Prêmio de Intelectual Crítica Honorária, do “Paulo Freire Democratic Project”, da Universidade de Chapman, “Por sua dedicação e Trabalhos Acadêmicos para promover da educação e a justiça social democráticas.” Universidade de Chapman, Orange, CA, EEUU, em 25 de outubro de 2014.

Título de Profesora Honoraria da Universidad Nacional de Lanús, Resolución de Consejo Superior No. 154/2014, entregue em 22 de setembro de 2014, Buenos Aires, Argentina.

Prêmio de Intelectual Crítica Honorária, do “Paulo Freire Democratic Project”, da Universidade de Chapman, “Por sua dedicação e Trabalhos Acadêmicos para promover a educação e a justiça social democráticas.” Universidade de Chapman, Orange, CA, EEUU, em 25 de outubro de 2014.

“Medalha Paulo Freire” outorgada pela Câmara dos Vereadores de Fortaleza, CE, Brasil, em 24 de setembro de 2015.

Recebida, em Audiência Privada pelo Santo Pontífice Francisco, na cidade do VATICANO, em 24 de abril de 2015.

Comenda da Ordem de Mérito Aperipê, concedida pelo governador Jackson Barreto, a mais importante comenda do estado de Sergipe, em Aracajú, SE, Brasil, em 5 de setembro de 2016.

Docente Investigador do Comitê de Árbitros da Revista “Quaestiones Disputatae – Temas en Debate”, do Departamento de Humanidades da Universidade Santo Tomás, seccional Tunja, Colombia. 2016



Universidade Federal da Paraíba, 1º. Encontro de Reitores de Nordeste, recebeu a Comenda José Américo de Almeida e pronunciou discurso, Gabinete Reitora UFPB, em 09/11/2017.

Contemplada duas vezes com o Prêmio Jabuti, o mais importante prêmio literário do Brasil: com Paulo Freire pela Pedagogia da tolerância, em 2006 e, sozinha, pelo livro Paulo Freire: uma história de vida (2007 e 2017), ambos em 2º. Lugar.

Membro del Consejo Asesor (16 miembros). da Revista Interuniversitaria de Formación Del Profesorado, da Asociación Universitaria de Formación del Profesorado (AUFOP). Zaragoza, España. (ISSN: 0213-8646).

Membro do CASC (Comitê de Acompanhamento da Sociedade Civil), nomeada pelo Ministério da Justiça do Brasil.

Trabalhos publicados

Livros

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.) A pedagogia da libertação em Paulo Freire. Série Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra: 2017.

FREIRE, Ana Maria Araújo; FREIRE, Paulo; OLIVEIRA, Walter Ferreira (org.). Pedagogia da Solidariedade. Paulo Freire. Prefácio de Henry A. Giroux. Posfácio de Donaldo Macedo. Indaiatuba/ SP: Villa

das Letras, 2009. ISBN: 978-8599911-05-01. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Nós dois, com Paulo Freire. Prefácio de Marta Suplicy. Posfácio de Mário Sergio Cortella e Epílogo de Alípio Casali. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Ana Maria Araújo (org.). Pedagogia do compromisso: América Latina e educação popular/Paulo Freire. Indaiatuba-SP: Villa das Letras, 2008 – ISBN 978-1105-30-4.

FREIRE, Ana Maria Araújo. Paulo Freire: uma história de vida. Prefácio de Alípio Casali e Vera Barreto. Indaiatuba: Editora Villa das Letras, 2006. “O Melhor Livro de Biografia”, 2º. Lugar, 49º Prêmio Jabuti 2007, São Paulo, SP, Brasil. 2a. edição, Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2017. [Dentro da documentação utilizada para escrever esse livro, consta 205 páginas de manuscritos originais de Paulo Freire; 30 xerox de manuscritos originais de Paulo Freire; cópia xerox do poema “Recife Sempre” de Paulo Freire e cerca de 300 outros documentos.] ISBN 85-999-11-01-5.

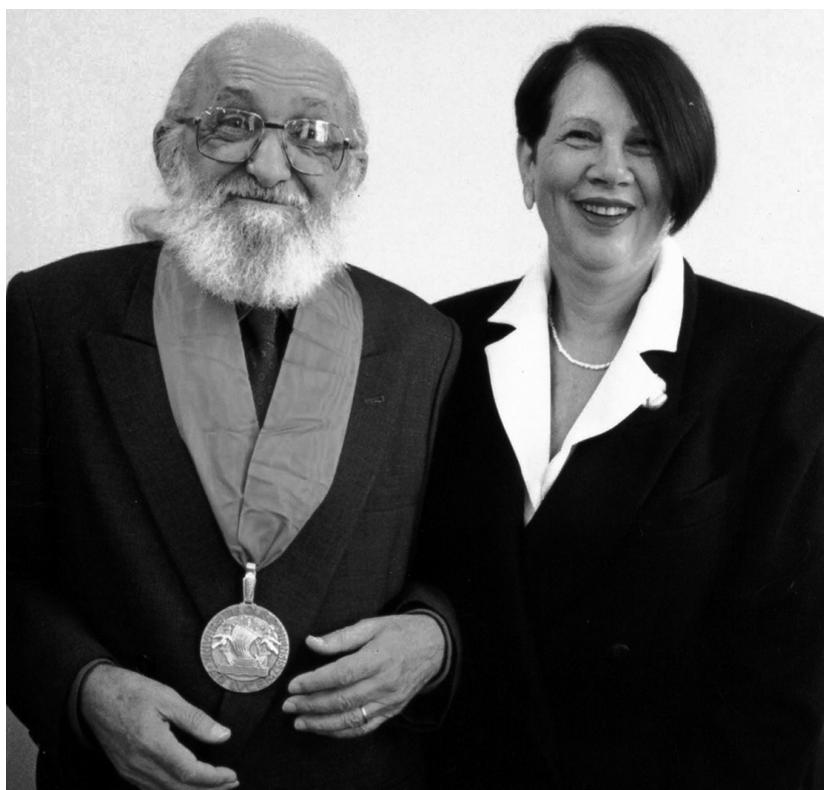
FREIRE, Ana Maria Araújo (coord.) La Pedagogía de la liberación en Paulo Freire. Edición Graó, outubro 2004. ISBN 84-7827-200

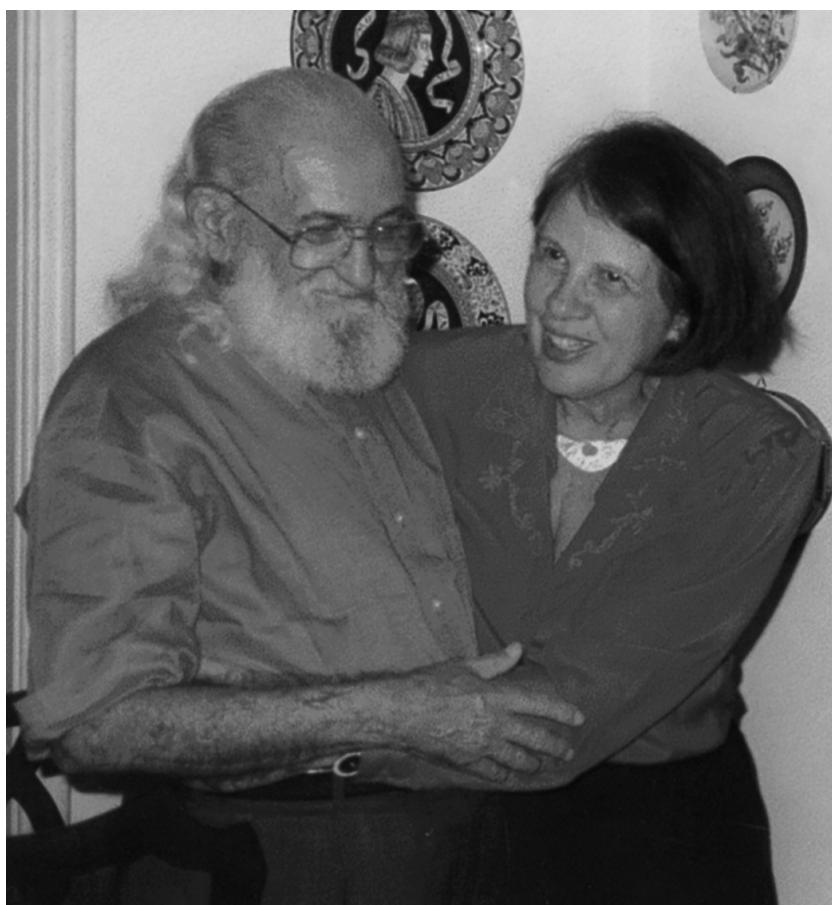
FREIRE, Ana Maria Araújo. Analfabetismo no Brasil: da ideologia da interdição do corpo à ideologia nacionalista, ou de como deixar sem ler e escrever desde as Catarinas (Paraguaçu), Filipas, Madalenas, Anas, Genebras, Apolônias e Gracias até os Severinos: São Paulo, INEP-Cortez, 1989; 2a. edição revista e ampliada, 1993; 2a reimpressão, São Paulo, Cortez, 1995; 3a edição, São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Ana Maria Araújo; OLIVEIRA, Walter Ferreira (org.). A pedagogia da libertação em Paulo Freire (org.). Série Paulo Freire. São Paulo: Editora UNESP, 2001. ISBN 85-7139-322-2

FREIRE, Ana Maria Araújo, MACEDO, Donaldo (org.). The Paulo Freire Reader, PAULO FREIRE. New York: Continuum, 1998. ISBN-13: 978-0826410887

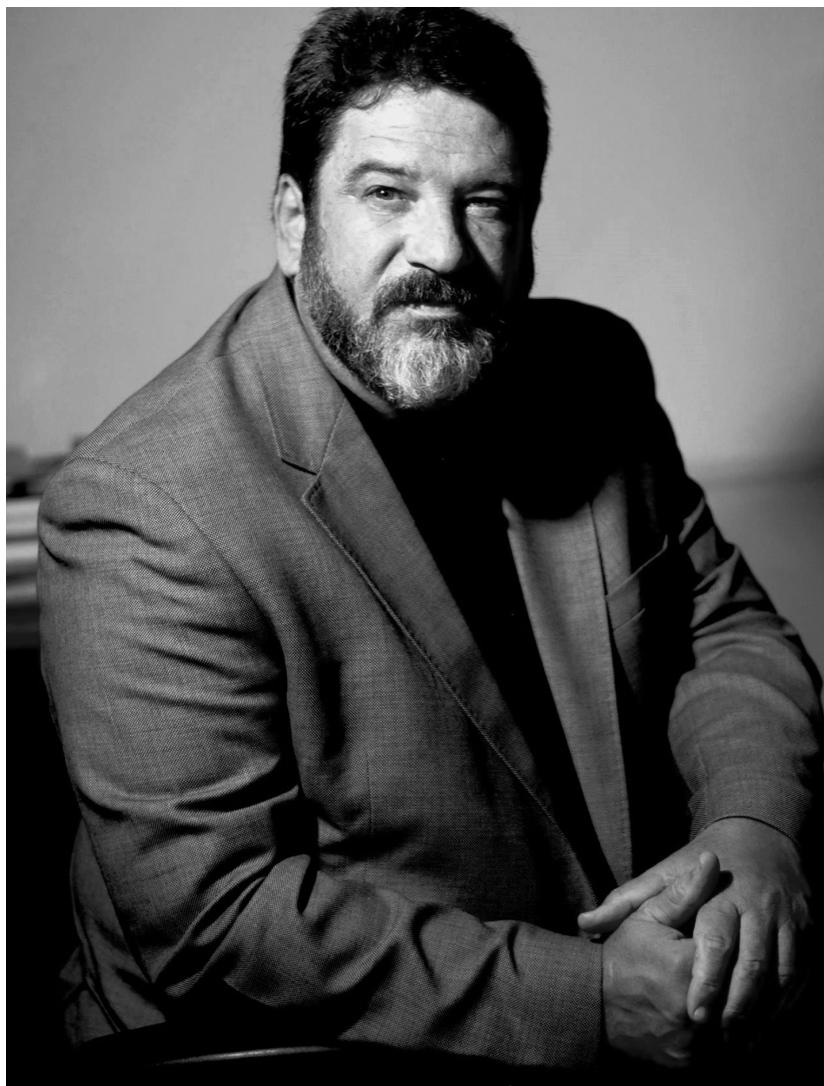
FREIRE, Ana Maria Araújo. Nita e Paulo - crônicas de amor. Prefácio de Marta Suplicy. São Paulo: Olho D'Água, maio/1998; ISBN 85-85428-37-6.





DEPOIMENTOS

Prof. Dr. Mario Sergio Cortella



Professor-titular do Departamento de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; conferencista e autor de diversos livros.

Nita! Nita! Consigo até ouvir a voz do Prof. Paulo Freire a chamando, com aquele modo recifense de enunciar o “i” que ambos partilhavam e que gente como eu, nascido no Paraná mas já com meio século de moradia paulistana, não consegue reproduzir... Nita! Nita! Venha cá um pouquinho, por favor! Venha ver comigo, venha ter comigo, venha sorrir comigo, venha amar comigo... Nita veio e, ainda bem, não foi mais embora; fez com que Paulo exuberasse em tempos de alguma tristeza, ganhasse ânimo redobrado quando as empreitadas do mundo da Política na atividade pública e na academia o convocaram, procurasse escrever ainda mais e mais para proteger convicções e alertar degenerações. Nita veio e começou com ele a cuidar de um legado que, tendo o Brasil como fonte, teve o mundo como território de umidificação e se-meadura. Nita veio e, ainda bem de novo, não foi mais embora, cuidando, ampliando, resguardando e organizando o legado que, por legado, ser, também conosco ficou. Agora, com alegria, podemos ouvir, na hora da meritória premiação, a Nita sussurrando, para avocar o testemunho agradecido e cúmplice do companheiro: “Paulo, Paulo, venha cá um pouquinho”...



Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Letras Universidade Presbiteriana Mackenzie.

Ao refletir sobre a trajetória profissional da educadora Ana Maria de Araújo Freire, as palavras que mais me ocorrem são lealdade e dedicação. Envolvida com os temas e problemas da educação brasileira, a Profa. Nita, como é chamada, esteve ao lado do educador Paulo Freire, comungando de seus ideais e princípios durante os últimos anos de sua vida. De uma família de educadores, ao casar-se com Freire, Nita não teve dificuldade ao engajar-se em seus projetos educacionais e pode acompanhar as ações de seu companheiro, assessorando-o, incentivando-o e juntamente pensando as questões relativas à educação do povo brasileiro. Hoje, como viúva de Paulo Freire, dedica-se à organização dos manuscritos por ele deixados, organizando-os e publicando-os. Divulgar a obra de Freire tornou-se para ela uma missão, abraçada com o mesmo carinho e admiração que ela nutria por seu companheiro quando vivo. A lealdade e a dedicação dirigidas a Paulo Freire em vida permanecem intactas no espírito combativo de Nita Freire. Interlocutora sagaz, não se furtava a debater, como grande estudiosa que é, a obra freireana, mantendo viva a utopia de uma educação que se volte para a construção de uma sociedade mais justa e menos desigual para todos os brasileiros.

Prof^a Dr^a Ana Lúcia Souza de Freitas



Professora do Mestrado Profissional em Gestão Educacional da UNISINOS, atuando na linha de pesquisa Gestão Escolar e Universitária.

Nita Freire merece distinção como intelectual que vem trabalhando, incansavelmente, em defesa do legado freireano como um marco na história da educação brasileira e de outros países, bem como de sua manutenção como Patrono da Educação Brasileira e referência para a formação de educadores e educadoras. Em consonância com o pensamento freireano, Nita contribui para reiterar, teórica e praticamente, a compreensão acerca da educação como forma de intervenção no mundo. Sua história de vida é uma referência para nutrir a esperança que nos mobiliza à luta, por acreditar, assim como Freire, que “mudar é difícil mas é possível”.

Prof. Dr. Daniel Cara



Cientista Político, Coordenador Geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação, Coordenador do Coletivo Paulo Freire por uma Educação Democrática Nita Freire também tem se destacado pela defesa do pensamento e do legado de Paulo Freire.

Com Luiza Erundina e comigo (Daniel Cara), lidera o “Coletivo Paulo Freire por uma Educação Democrática”, coletando assinaturas e participando de eventos em defesa da manutenção do título de Paulo Freire como Patrono da Educação Brasileira. Seu prestígio junto à comunidade internacional de pensadores é central para a divulgação da causa e respeito à praxis freireana. Também foi uma das responsáveis, senão a principal, pelo reconhecimento e inclusão do Acervo de Paulo Freire no Programa de Memória do Mundo da Unesco. Nita Freire é uma educadora apaixonada e apaixonante. A Universidade Federal do Mato Grosso do Sul acerta em avaliar conceder-lhe o título de Doutora Honoris Causa à principal autora freireana no Brasil, defensora e guardiã de um pensamento criativo e emancipador, uma educação pautada na liberdade e na autonomia, contra todas as formas de opressão.



Professor Titular do Departamento de Fundamentos de Educação. Docente Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo.

Tive o privilégio de ser o orientador da tese de Doutorado da Professora Doutora Ana Maria de Araújo Freire, intitulada “História da Educação Brasileira: uma interpretação crítica do analfabetismo (1930-1945)”, aprovada com nota máxima em arguição pública, no dia 07 de outubro de 1994, junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação: Currículo, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Esse contato acadêmico próximo com a Professora Ana Maria Araújo Freire permitiu-me apreciar de perto as suas incontáveis qualidades de pesquisadora, seja na sua disciplina com os estudos, seja no rigor metodológico e na consistência teórica com que tratou seus dados de pesquisa bibliográfica sobre o tema do analfabetismo no Brasil no período estudado. Meus constantes e próximos contatos acadêmicos com a Professora Ana Maria Araújo Freire, ao longo desses últimos anos, permitiram também que tenhamos cultivado, ademais, uma sincera e leal amizade. Tudo somado, registro que, como resultado desses 25 anos de proximidade, trago comigo o sentimento de profundo respeito e admiração por sua pessoa e por suas qualidades de intelectual e profissional da educação.



Antes de tudo, meus cumprimentos à UFMS – Câmpus de Três Lagoas, por homenagear a Professora Ana Maria Araújo Freire com o honroso título de Doutora *Honoris Causa*, em reconhecimento à valiosa contribuição da homenageada para manter vivas as ideias inspiradoras de Paulo Freire e preservar seu legado.

A Professora Nita Freire tem méritos próprios pelo seu trabalho na área da educação, com dezenas de artigos e livros publicados, e foi contemplada com inúmeras honrarias. Além da relevante função de Nita Freire junto a Paulo Freire na última fase da rica trajetória de vida desse grande brasileiro, ela é credora de todas as homenagens pela sua reconhecida contribuição teórico-prática como educadora, e por posicionamentos políticos em defesa da democracia e do Estado de Direito. Nossa amizade começou e foi se construindo ao longo dos anos em que Paulo Freire esteve como Secretário Municipal de Educação de São Paulo, em nosso governo. E após a partida dele nossas relações de amizade se estreitaram e continuam até os dias de hoje, sempre inspiradas na memória do mestre e voltadas à preservação do seu precioso legado. Vale destacar ainda o apoio de Nita Freire à aprovação, pelo Congresso Nacional, do projeto de lei de minha autoria, atual lei nº 12.612 de 13/04/2012, que declara Paulo Freire Patrono da Educação Brasileira. Em 2017, as forças obscurantistas da nefasta era Temer tentaram tirar de Paulo Freire esse título, homenagem do povo brasileiro, através dos seus legítimos representantes no Parlamento, a um dos maiores educadores do Brasil e do mundo. Mais uma vez, com a ajuda indispensável da querida Nita Freire, mobilizamos e conseguimos o apoio de milhares de entidades, lideranças e personalidades nacionais e internacionais, e conseguimos evitar que o Senado Federal aprovasse a sugestão legislativa que propunha a cassação do referido título, o que significaria o segundo exílio de Paulo Freire. Por tudo isso, e com renovados sentimentos de estima e consideração, cumprimento a professora Nita Freire pela justa e merecida homenagem.

Solenidade realizada às 20h do dia 17 de maio de 2018,
no Anfiteatro Dercir Pedro de Oliveira,
Câmpus da UFMS, em Tês Lagoas.

Organização: Cerimonial UFMS
Publicação: Secom/UFMS

Imagens: arquivo pessoal da homenageada

Capa: Couchê Fosco 150 g/m²
Miolo: Couchê Fosco 90 g/m²
Tiragem: 500 exemplares

TÍTULOS CONCEDIDOS PELA UFMS

A ENTREGA DO TÍTULO de Doutor Honoris Causa é um dos maiores reconhecimentos acadêmicos de uma instituição universitária, com o objetivo de premiar as pessoas que serviram de exemplo para a comunidade acadêmica e para a sociedade. Esse prêmio demonstra o valor e a grandeza de suas vidas.

As pessoas agraciadas pela UFMS, desde 1985, são de áreas diversas, que encarnam os valores mencionados. Com essas autoridades é possível aprender sempre, pois nutrem, com seu saber e bons exemplos. A todas elas, nossa admiração, nosso respeito e nosso agradecimento.

- 1. JOSÉ MANOEL FONTANILLAS FRAGELLI** - (Res. nº 29, Coun, 28 de novembro de 1985). Proposto pelo Conselho de Centro do Centro Universitário de Aquidauana – pelos inúmeros relevantes serviços prestados ao Brasil, ao Estado de Mato Grosso do Sul e à UFMS.
- 2. RAMEZ TEBET** – (Res. nº 13, Coun, 20 de abril de 1988). Proposto pelo Conselho de Centro do Centro Universitário de Três Lagoas, pela dedicação ao longo de sua viga pública ao Estado de Mato Grosso do Sul e ao Brasil.
- 3. WILSON MARTINS** – (Res. nº 26, Coun, de 23 de outubro de 2001). Proposto pelo Pró-Reitor de Ensino de Graduação, Conselheiro César Augusto Carneiro Benevides- em reconhecimento pelos inúmeros e relevantes serviços presados à cultura brasileira.
- 4. PEDRO PEDROSSIAN** – (Res. nº 27, Coun, de 23 de outubro de 2001). Proposto pelo Conselheiro Ido Michels – pela importância na história da Educação de Mato Grosso do Sul, por meio de políticas educacionais efetivas nos vários níveis de ensino, e pela criação e implantação da UFMS.
- 5. NEWTON DE OLIVEIRA CARVALHO** – (Res. nº 8, Coun, de 16 de abril de 2002). Proposto pelo Conselho de Departamento do Departamento de Hidráulica e Transportes/CCET - Pela relevante contribuição prestada à ciência na área de hidrossedimentologia.
- 6. PADRE ERNESTO SASSIDA** – (Res. 57, Coun, de 30 de agosto de 2004). Proposto pela Conselheira Rosangela Villa da Silva, do Câmpus do Pantanal, pelo relevante trabalho junto à comunidade corumbaense, tendo como principal alvo a população pobre e carente do Bairro Cidade do Bosco, que ajudou a construir.
- 7. DAISAKU IKEDA** – (Res. nº 3, Coun, de 5 de fevereiro de 2007). Título concedido por divulgar os ideais de paz, cultura e educação para a humanidade, bem como a conscientização das pessoas em relação a questões fundamentais à vida – como Presidente da Sociedade de Criação de Valores Humanos – Soka Gakkai.
- 8. MANOEL DE BARROS** – (Res. nº 1, Coun, de 5 de fevereiro de 2007). Proposto pelo Conselho de Departamento do Departamento de Letras do CCHS – pelo relevante lugar que ocupa na construção da cultura, pelo reconhecimento de setenta anos de poesia, anos dedicados à literatura, objeto de estudo de muitos membros da comunidade acadêmica da UFMS, da educação sul-mato-grossense, bem como na história da UFMS.
- 9. UEZE ZAHRAN** – (Res. nº 4, Coun, de 5 de fevereiro de 2007). Título proposto pelo Pró-Reitor de Ensino de Graduação, Prof. César Augusto Benevides – pelo lugar relevante que ocupa na história do Estado de Mato Grosso do Sul.
- 10. MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA** – (Res. nº 2, Coun, de 5 de fevereiro de 2007). Proposto pela Profa. Ruth Pinheiro da Silva, representante da Associação dos Aposentados e Pensionistas da UFMS – pelo lugar relevante que ocupa na construção da cultura e da educação sul-mato-grossense e pela excelência de sua trajetória na vida expoente do magistério, brilhante educadora e historiadora.
- 11. MARCOS VINICIUS RODRIGUES** – (Res. nº 26, Coun, de 31 de março de 2008). Proposto pelo Prof. Augusto César Benevides – pelos relevantes serviços prestados à Cultura Brasileira, como Ministro do Tribunal de Contas da União e Presidente da Academia Brasileira de Letras.
- 12. IZULINA GOMES XAVIER** – (Res. nº 27, Coun, de 31 de março de 2008). Proposto pela Profa. Maria Cristina Lanza de Barros do CPAN – pelos relevantes trabalhos junto à comunidade corumbaense nas áreas de letras, pintura, escultura e pelos serviços prestados à comunidade.
- 13. LUIS INÁCIO LULA DA SILVA** – (Res. nº 28, Coun, de 31 de março de 2008). Presidente da República, pelos relevantes serviços prestados à Educação Pública Brasileira.
- 14. FERNANDO HADDAD** – (Res. nº 29, Coun, de 31 de março de 2008). Pelos relevantes serviços prestados à Educação Pública Brasileira, como Ministro de Estado da Educação.
- 15. IRMÃ SILVIA VECELLIO** – (Res. nº 58, Coun, de 1º de julho de 2010). Pelo relevante trabalho humanitário desenvolvido à frente do Hospital São Julião, em Campo Grande-MS.
- 16. EMÍDIO CANTIDIO DE OLIVEIRA FILHO** – (Res. nº 26, Coun, de 25 de abril de 2011) Proposto pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Prof. Dercir Pedro de Oliveira, pelos relevantes serviços prestados à Pós-Graduação da UFMS.
- 17. JORGE ALMEIDA GUIMARÃES** – (Res. nº 27, Coun, de 25 de abril de 2011). Proposto pelo Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação, Prof. Dercir Pedro de Oliveira, pelos relevantes serviços prestados à Pós-Graduação da UFMS.
- 18. LEON POMER** – (Res. nº 51, Coun, de 8 de outubro de 2012). Proposto pelo Conselho de Câmpus do CPAQ - pela contribuição ao desenvolvimento das ciências humanas da Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como Historiador.
- 19. ANA MARIA ARAÚJO FREIRE** – (Res. 104, Coun, de 15 de dezembro de 2017). Proposto pelo Colegiado do Curso de Pedagogia do Câmpus de Três Lagoas, pelo conjunto de sua obra e relevância dos serviços prestados como divulgadora do pensamento do Prof. Paulo Régis Neves Freire.
- 20. RUY DE ARAÚJO CALDAS** – (Res. Nº 106, Coun, de 15 de dezembro de 2018). Proposto pela Conselheira Maria Lígia Rodrigues Macedo, Diretora da Facfan, por sua trajetória científica para o desenvolvimento da Ciência, Tecnologia e Inovação no Brasil, em especial para a Região Centro-Oeste.
- 20. VALI JOANA POTT**, - (Res. Nº 105, Coun, de 15 de dezembro de 2018). Proposto pelo Conselheiro Albert Schiaveto de Souza, Diretor do Instituto de Biociências, por sua contribuição à ciência, especialmente na área de Botânica, assim como, enquanto cientista de renome nacional e internacional.

APOIO:

